



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA



MEMORIAL DESCRITIVO

Juliana Marzinek

Uberlândia
2026



MEMORIAL DESCRITIVO

Juliana Marzinek

Memorial Descritivo apresentado
como requisito parcial para obtenção
da promoção na carreira de
Magistério Superior da Classe D para
Classe E – Titular

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

M393m Marzinek, Juliana, 1975-
2026 Memorial descritivo [recurso eletrônico] / Juliana Marzinek. - 2026.

 Memorial Descritivo (Promoção a Professor Titular) - Universidade
Federal de Uberlândia, Instituto de Biologia.
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.me.2026.9>
 Inclui bibliografia.

 1. Professores universitários - formação. I. Universidade Federal de
Uberlândia. Instituto de Biologia. II. Título.

CDU: 378.124

Nelson Marcos Ferreira
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3074

1. Sumário

1. Sumário	2
2. Prefácio	3
3. Formação acadêmica	4
3.1. Graduação na Universidade Estadual de Maringá (UEM)	4
3.2. Mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR)	4
3.3. Doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp)	7
3.4. Pós-doutorado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz	9
4. Ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (Professora adjunta)	10
5. Atuação como professora associada	12
6. Atuação recente e papel formativo ampliado	14
7. Professora titular – Síntese e projeção	15

2. Prefácio

Este memorial reúne a trajetória que percorri desde a formação inicial em Botânica até a atuação atual como professora da Universidade Federal de Uberlândia. Apresento aqui os caminhos que definiram minha aproximação com a Anatomia Vegetal, as etapas de formação que orientaram minhas escolhas científicas e os processos institucionais que marcaram minha vida acadêmica.

O texto acompanha o desenvolvimento da minha linha de pesquisa em Asteraceae, iniciada no doutorado e aprofundada ao longo dos anos, e apresenta experiências que considero estruturantes: o ensino de Morfologia Vegetal, a orientação de estudantes em diferentes níveis e a participação em atividades de gestão que ampliaram minha compreensão sobre a Universidade, entre elas a Direção do Instituto de Biologia e a coordenação do processo que resultou na criação do doutorado em Biologia Vegetal.

O memorial procura oferecer uma visão clara e contextualizada desse percurso, destacando como ensino, pesquisa e gestão foram se articulando ao longo do tempo e de que modo essas dimensões continuam a orientar minha atuação na UFU. É a partir desse percurso que se desenvolvem as reflexões apresentadas nas páginas seguintes.

3. Formação acadêmica

3.1. Graduação na Universidade Estadual de Maringá (UEM)

Minha graduação em Ciências Biológicas na Universidade Estadual de Maringá (UEM) foi uma experiência muito especial. Além da sólida formação acadêmica, foi um período em que construí amizades para toda a vida — entre elas, com Ana Claudia Kaminski, Juliana Pereira Bravo, Ana Paula Branco do Nascimento, Rosa Maria Dias e Anderson Ferreira — e tive a oportunidade de transitar por diferentes ramos da Biologia. Nesse contexto plural, encontrei meu caminho na Anatomia Vegetal, área que me encantou pela possibilidade de compreender a organização das plantas em seus detalhes mais finos.

Sob a orientação da professora Káthia do Socorro Mathias Mourão, desenvolvi meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado "Morfologia e Anatomia dos frutos e sementes em desenvolvimento de *Chorisia speciosa* St. Hil. (BOMBACACEAE)". O projeto também incorporou aspectos de fenologia, permitindo observar a relação entre a anatomia e os ciclos reprodutivos da espécie. Essa pesquisa foi decisiva para minha formação: aprendi a importância da observação minuciosa e exercitei habilidades manuais, competências indispensáveis tanto para a Biologia em geral quanto, de forma ainda mais aguda, para quem se dedica à Anatomia Vegetal.

A orientação da professora Káthia foi especialmente marcante nesse processo. Hoje reconheço o quanto seu estilo de orientar, ao mesmo tempo livre e presente, foi determinante para que eu desenvolvesse confiança no meu trabalho e aprendesse a trilhar meu próprio caminho na pesquisa.

3.2. Mestrado na Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Ao final da graduação, entretanto, também me vi atraída pela Sistemática Vegetal. Como em Maringá não havia programa de pós-graduação na época, busquei a formação mais próxima e prestei a seleção na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba. Fui aprovada e iniciei o mestrado em Botânica, sob orientação da professora Élide Pereira dos Santos, com o projeto "Os gêneros *Glechon* Spreng., *Hesperozygis* Epling e *Rhabdocaulon* (Benth.) Epling (Lamiaceae) no Estado do Paraná" (defendido em 2002). O trabalho teve enfoque no tratamento taxonômico das espécies, sem abordagem filogenética, mas representou uma oportunidade fundamental de aprofundar minha familiaridade com a

morfologia vegetal. Durante o segundo ano do curso, fui bolsista da CAPES, o que garantiu condições adequadas para a dedicação integral à pesquisa e à finalização da dissertação.

Ainda no mestrado, não consegui me afastar da anatomia: juntamente com a professora Cleusa Bona, analisei as folhas de *Hesperozygis rhododon* (única espécie do gênero encontrada em campo) sob a perspectiva anatômica. Na época, também tentei processar amostras de outras espécies depositadas em herbário, mas não obtive sucesso. Esse desafio, embora não solucionado naquele momento, revelou meu interesse em morfologia comparada e acabou sendo uma experiência formativa: mais tarde, já como professora, ao trabalhar com a anatomia sob enfoque taxonômico, eu viria a aprimorar a técnica de processamento de material herborizado, superando uma limitação que havia encontrado anos antes.

Além das orientações diretas, tive a sorte de conviver com professores que marcaram profundamente minha trajetória. O professor Yedo Alquini foi fundamental nesse período: suas perguntas e reflexões instigantes sobre Anatomia Vegetal mantiveram viva em mim essa vertente de pesquisa, mesmo em um projeto de natureza taxonômica. Os professores Armando Carlos Cervi e Olavo Araújo Guimarães, por sua vez, estiveram sempre muito presentes nas questões sistemáticas, oferecendo suporte científico sólido e um acolhimento que tornou o ambiente acadêmico ainda mais enriquecedor. Nesse mesmo ambiente, a convivência com colegas como Marília Borgo, Sonia Marisa Hefler e Simone Pereira contribuiu para tornar o percurso mais leve e intelectualmente estimulante, reforçando o caráter coletivo da formação.

Paralelamente ao mestrado, também preparei a publicação do meu Trabalho de Conclusão de Curso, que resultou no artigo Marzinek, Juliana; Mourão, Káthia S.M. Morphology and anatomy of the fruit and seed in development of *Chorisia speciosa* A. St.-Hil. (Bombacaceae). Brazilian Journal of Botany, v. 26, n. 1, p. 23–34, 2003. Esse foi meu primeiro artigo científico, e representou não apenas a consolidação dos resultados da graduação, mas também a abertura de uma linha de investigação que seguiria me acompanhando nos anos seguintes.

Olho hoje para esse percurso inicial e reconheço a importância de ter realizado um trabalho com começo, meio e fim ainda na graduação. Atualmente, muitos Trabalhos de Conclusão de Curso se configuram como recortes de projetos maiores, o que, embora válido, nem sempre possibilita ao graduando vivenciar plenamente o processo de pesquisa e

desenvolver a independência científica. Ter conduzido um projeto mais minucioso e demorado foi fundamental para compreender o que eu estava fazendo e onde queria chegar. Levo essa experiência para a vida toda e procuro, sempre que possível, aplicar essa abordagem com meus orientados. Acredito fortemente que esse tipo de formação, nos anos iniciais da trajetória, é essencial para consolidar a identidade do pesquisador.

Antes de seguir para o doutorado, retornei a Maringá e passei a trabalhar em uma faculdade particular na cidade de Jandaia do Sul, a antiga Fafijan (que já não existe mais). Esse período de um ano fora da Universidade foi marcante: trouxe questionamentos profundos sobre meu futuro profissional. Deveria seguir carreira acadêmica? Seria suficiente permanecer apenas com o título de mestra e dedicar-me à docência em faculdades particulares ou mesmo em colégios?

Foi nesse momento de incerteza que um episódio acabou definindo meus rumos. Em 2003, minhas amigas Daniela Dias Pinto e Juliana Aparecida Povh haviam sido aprovadas no mestrado na UNESP de Botucatu, e fui com elas (levadas pela professora Káthia) para ajudá-las na procura por moradia e, ao mesmo tempo, conversar com a professora Denise Maria Trombert de Oliveira sobre uma possível orientação de doutorado. Quando entrei no laboratório de Anatomia Vegetal em Botucatu, com seus cheiros característicos e todo aquele ambiente de pesquisa, não tive mais dúvidas: era ali que eu queria estar e era para lá que eu queria voltar. Essa visita ao laboratório acabou se tornando o ponto de transição entre o período de incerteza e o início efetivo do meu doutorado.

A professora Denise me acolheu com muita delicadeza, mas também com firmeza. Foi direta ao dizer que, se eu quisesse concorrer a uma vaga de doutorado em seu laboratório, deveria trabalhar com a família Asteraceae — um grupo que necessitava de estudos mais aprofundados e que fazia parte de uma das linhas do projeto Biota/Fapesp, então sem nenhum aluno dedicado. Num primeiro momento, confesso que fiquei um pouco desanimada: até então eu havia trabalhado com frutos grandes e vistosos, e a proposta era estudar frutinhas diminutas, discretos, quase invisíveis à primeira vista. Mas aceitei o desafio, percebendo que poderia abrir um novo campo de investigação e de aprendizado. Prestei a seleção para o doutorado em Biologia Vegetal e, apesar da grande procura pela orientação da professora Denise naquele ano, conquistei a vaga e iniciei essa nova etapa da minha formação.

3.3. Doutorado na Universidade Estadual Paulista (Unesp)

No doutorado em Biologia Vegetal na UNESP de Botucatu, sob orientação da professora Denise Maria Trombert de Oliveira, iniciei meus estudos com seis espécies de Asteraceae coletadas no entorno da cidade. A princípio, eu sequer tinha a identificação delas — trabalhava com o material em mãos sem conhecer os nomes. Havia apenas uma ideia geral de quais grupos poderiam pertencer, mas o reconhecimento taxonômico viria mais tarde. Esse contato inicial foi marcado pela coleta, pelo processamento e, sobretudo, pelo desafio de realizar estudos ontogenéticos desses frutos, que acabaram se expandindo para além das seis espécies iniciais. Foi nesse momento que percebi o quanto os frutos de Asteraceae, apesar de pequenos e aparentemente discretos, podiam revelar uma complexidade estrutural notável, capaz de subsidiar investigações anatômicas e taxonômicas profundas.

Durante o doutorado, vivi também uma fase muito rica em termos de convivência e aprendizado coletivo. Tive a felicidade de estar cercada por colegas que tornaram a caminhada mais leve e colaborativa: João Donizete Denardi, Orlando Cavallari de Paula, Letícia Silva Souto, Daniela Dias Pinto, Juliana Aparecida Povh, Maria Olívia Gaspar Correia marcaram minha trajetória acadêmica com amizade e apoio. Sou especialmente grata a João e Orlando, que foram meus principais companheiros de laboratório: juntos, trabalhamos intensamente, compartilhando descobertas, dificuldades e conquistas. Esse ambiente de colaboração e amizade foi fundamental para meu crescimento pessoal e científico.

Ainda no doutorado, desenvolvi, juntamente com a professora Denise e com meu colega Orlando, um estudo que se tornou um marco na minha trajetória. A questão partiu de uma dúvida recorrente entre sinanterólogos e demais pesquisadores de Asteraceae: afinal, qual seria o termo mais correto para designar os frutos da família? Combinando uma análise histórica da terminologia com uma investigação anatômico-morfológica, mostramos que a designação correta é cipsela. O termo se justifica porque esse tipo de fruto é originado de ovário ínfero e bicarpelar, enquanto o aquênio, por definição, tem origem em ovário súpero. Essa distinção, aparentemente sutil, tem grande relevância para a compreensão morfológica e taxonômica do grupo. O trabalho foi publicado em 2008 e, desde então, segue sendo citado de forma contínua, configurando-se como o artigo mais citado da minha produção científica. Mais do que números, essa publicação foi fundamental para firmar meus pés na

área de anatomia e morfologia de frutos de Asteraceae, marcando a linha de pesquisa que me acompanha até hoje.

Concomitantemente a esse estudo conceitual, fui reunindo os dados que resultaram diretamente do doutorado. Analisei a ontogênese de frutos e sementes das espécies coletadas, descrevendo detalhadamente os estágios de desenvolvimento e as transformações estruturais envolvidas. Esses estudos reforçaram a importância da anatomia como ferramenta de apoio à taxonomia e revelaram padrões comparativos relevantes para compreender a diversidade de Asteraceae.

Durante esse período, também passei a frequentar as reuniões dos sinanterólogos realizadas nos Congressos Nacionais de Botânica. Esse contato direto com a comunidade que trabalha com Asteraceae foi extremamente proveitoso: permitiu acompanhar de perto as principais discussões, compreender os problemas em aberto e ampliar minha inserção na área. Essa vivência expandiu meus horizontes de estudo e fortaleceu meu envolvimento com a família, consolidando meu interesse científico pelo grupo.

Nesse contexto, tenho um agradecimento especial ao professor Aristônio Teles (UFG), que contribuiu de forma decisiva ao identificar as espécies que compuseram meu doutorado. Esse suporte foi fundamental para que eu pudesse avançar nas análises e, posteriormente, publicar os artigos resultantes da tese.

Os resultados do doutorado se traduziram em uma série de publicações científicas que consolidaram minha inserção na área:

Artigos derivados diretamente da tese:

Marzinek, Juliana; De-Paula, Orlando Cavallari; Oliveira, Denise Maria Trombert. The ribs of Eupatorieae (Asteraceae): of wide taxonomic value or reliable characters only among certain groups? *Plant Systematics and Evolution*, v. 285, p. 127–130, 2010.

Marzinek, Juliana; Oliveira, Denise M.T. Structure and ontogeny of the pericarp of six Eupatorieae (Asteraceae) with ecological and taxonomic considerations. *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, v. 82, p. 279–291, 2010.

Marzinek, Juliana; Oliveira, Denise Maria Trombert. Seed ontogeny in Eupatorieae: development and functional aspects. *Feddes Repertorium*, v. 130, p. 313–325, 2019.

Artigos derivados indiretamente da tese:

Marzinek, Juliana; De-Paula, Orlando Cavallari; Oliveira, Denise Maria Trombert. Cypsela or achene? Refining terminology by considering anatomical and historical factors. *Brazilian Journal of Botany*, v. 31, p. 549–553, 2008.

De-Paula, O.C.; Marzinek, J.; Oliveira, Denise M.T.; Machado, S.R. The role of fibres and the hypodermis in Compositae melanin secretion. *Micron*, v. 44, p. 312–316, 2013.

De-Paula, O.C.; Marzinek, J.; Oliveira, D.M.T.; Paiva, E.A.S.E. Roles of mucilage in *Emilia fosbergii*, a myxocarpic Asteraceae: an efficient way to seed imbibition and diaspore adhesion. *American Journal of Botany*, v. 102, p. 1413–1421, 2015.

Esse conjunto de trabalhos — tanto os diretamente vinculados à tese quanto aqueles que surgiram de questionamentos paralelos — consolidou o eixo central da minha produção científica inicial. Eles demonstram como os estudos anatômicos e ontogenéticos de frutos e sementes em Asteraceae podem subsidiar discussões taxonômicas e ecológicas, além de abrir espaço para colaborações que se estenderam para além do doutorado.

3.4. Pós-doutorado na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz

Após o doutorado, elaborei um projeto de Pós-Doutorado Júnior (CNPq) sob supervisão da professora Beatriz Appezzato-da-Glória (USP), no qual me dedicaria ao estudo de órgãos subterrâneos e à análise de aspectos moleculares em espécies de Asteraceae do Cerrado, com ênfase em *Chresta sphaerocephala* e *Symphyopappus reticulatus*. Mesmo em um período curto, sua supervisão trouxe contribuições relevantes, sobretudo pela precisão analítica e pelo rigor metodológico que caracterizam seu trabalho. Nesse mesmo período, prestei concurso para a Universidade Federal de Uberlândia (UFU), no qual fiquei em segunda colocação.

Segui, então, com as atividades do pós-doutorado, conciliando análises anatômicas e o aprendizado das técnicas moleculares. Foi justamente em um dia de laboratório, enquanto realizava essas análises, que recebi um telefonema do professor Jimi Nakajima, então diretor do Instituto de Biologia da UFU. Ele me informou sobre a aposentadoria de uma docente de Anatomia Vegetal e perguntou se eu teria interesse em assumir a vaga. A resposta foi imediata: aceitei o desafio, suspendi o pós-doutorado e me mudei para Uberlândia para iniciar minha trajetória como docente na UFU.

4. Ingresso na Universidade Federal de Uberlândia (Professora adjunta)

Fui empossada como professora da Universidade Federal de Uberlândia em 04 de março de 2009, iniciando minhas atividades docentes no Instituto de Biologia. Durante o estágio probatório, atuei de forma intensa em diferentes frentes — ensino, orientação, pesquisa, produção científica e gestão — consolidando as bases da minha trajetória na UFU.

No ensino, ministrei principalmente a disciplina de Morfologia Vegetal para os cursos de Ciências Biológicas e Agronomia, com turmas regulares e especiais, além de integrar a disciplina de Morfofisiologia de Sementes e Ecofisiologia da Germinação no Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal. Essa atuação garantiu contato direto e contínuo com diferentes perfis de estudantes, permitindo desenvolver práticas pedagógicas tanto em aulas teóricas quanto em atividades práticas de laboratório.

No campo das orientações, iniciei projetos de Iniciação Científica e de Ensino, incluindo atividades voltadas à manutenção e ampliação da carpoteca e do laminário didático do INBIO, bem como projetos sobre Asteraceae da Estação Ecológica do Panga e sobre poliembrionia em espécies do Cerrado. Nessa fase, também contei com a colaboração de vários alunos de monitoria, vinculados à Morfologia Vegetal, o que fortaleceu a integração entre graduação e ensino prático.

Também construí, ao longo dos anos, o laminário didático utilizado nas aulas práticas de Anatomia Vegetal. Estudantes que ingressam no laboratório produzem um conjunto de lâminas histológicas como etapa formativa inicial, e o material de melhor qualidade integra o acervo permanente. Esse processo permitiu renovar o laminário e estabelecer um acervo atualizado, distinto daquele que existia anteriormente e cuja reorganização é mencionada nos projetos de ensino.

Foi também nesse período inicial que retomei desafios encontrados no mestrado e, com a estrutura do laboratório e a rotina de orientação, aprimorei de forma consistente as técnicas de processamento anatômico de material herborizado. Esse domínio metodológico ampliou o escopo das análises comparativas e permitiu trabalhar com grupos maiores, fortalecendo a perspectiva morfológica e taxonômica.

Quanto à produção científica, publiquei artigos em periódicos nacionais e internacionais (como *Botanical Journal of the Linnean Society*, *Plant Systematics and Evolution*, *Flora*, *Anais da Academia Brasileira de Ciências*, *Acta Botanica Brasilica*), além de trabalhos completos e resumos em congressos, incluindo o Simpósio Internacional de

Asteraceae e diferentes edições do Congresso Nacional de Botânica. Participei ativamente desses eventos, apresentando trabalhos, organizando atividades e acompanhando de perto a comunidade científica da área.

Durante esse período, também assumi funções de avaliação ad hoc em programas de pós-graduação (UFMG, UFU, UNEB), revistas especializadas (*Acta Botanica Brasilica*, *Rodriguésia*, *Flora*, *Botanical Journal of the Linnean Society*, *Anais da Academia Brasileira de Ciências*) e órgãos de fomento, o que fortaleceu minha inserção acadêmica. A diversidade dessas avaliações ampliou minha familiaridade com diferentes abordagens metodológicas e consolidou minha atuação como parecerista na área.

No campo da gestão, comecei a me envolver com a vida administrativa do Instituto, atuando em comissões internas (como a Comissão de Espaço Físico do INBIO e a Comissão para a proposta de curso de Ciências Biológicas a distância), além de integrar bancas de seleção e, a partir de 2011, passar a compor o Conselho do Instituto de Biologia, iniciando minha trajetória de participação ativa nos processos deliberativos da unidade.

Considero que o período destinado ao estágio probatório é determinante na formação do professor universitário. É nessa fase que começamos a compreender, de fato, a grandeza e a complexidade da Universidade, assim como a importância das relações humanas no ambiente acadêmico. Também acredito que seja o momento ideal para estabelecer uma base sólida no ensino, afinal, a atividade docente é o que nos acompanha ao longo de toda a carreira. Durante o probatório, temos a oportunidade de dedicar mais tempo às disciplinas, preparar materiais e experimentar metodologias. Quando essa base é bem construída, os anos seguintes tornam-se mais tranquilos para que possamos agregar outras frentes de atuação na Universidade, como a pesquisa, a extensão e a gestão. Esse período, portanto, estruturou os pilares que sustentariam minha atuação acadêmica nos anos seguintes.

5. Atuação como professora associada

Enquanto professora associada, em maio de 2017 assumi a Direção do Instituto de Biologia da UFU, função que exerci por quatro anos. Esse período representou um divisor de águas na minha trajetória profissional: ao mesmo tempo em que segui como docente e pesquisadora, tive a oportunidade de vivenciar de perto a complexidade da gestão universitária. A Direção do INBIO exigiu a conciliação entre demandas administrativas e acadêmicas, a mediação de interesses diversos e a busca constante por soluções em um cenário muitas vezes de restrições orçamentárias e de recursos humanos. Foi um aprendizado profundo sobre a importância do diálogo, da transparência e da tomada de decisões coletivas.

Durante o período em que exerci a Direção do Instituto de Biologia, fui convidada a representar o Conselho Universitário da UFU na cerimônia de posse do Reitor Prof. Dr. Valder Steffen Júnior. Na ocasião, além da representação formal do órgão máximo deliberativo da Universidade, tive a responsabilidade de proferir o discurso institucional na solenidade. Compreendi esse convite como expressão de confiança institucional e como reconhecimento da atuação da Unidade no cenário universitário, inserindo o INBIO em um momento simbólico da gestão superior da UFU.

Mesmo diante das exigências administrativas, mantive a continuidade das atividades acadêmicas. Segui responsável por disciplinas na graduação e na pós-graduação, garanti a orientação de novos projetos de iniciação científica e de mestrado, e dei prosseguimento à minha produção científica, com publicações em periódicos de relevância e participação em congressos nacionais e internacionais. Essa conciliação, embora desafiadora, foi fundamental para reafirmar que ensino, pesquisa e gestão não são esferas isoladas, mas dimensões que se fortalecem mutuamente e que, quando integradas, contribuem para um amadurecimento profissional mais amplo.

Ao concluir o mandato na Direção, em 2021, mantive minha inserção em espaços institucionais estratégicos. Em 2022, fui convidada a presidir a Comissão do APCN responsável pela criação do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Biologia Vegetal (PPGBV/UFU), etapa fundamental para a consolidação do Programa. A comissão trabalhou com afinco e com a convicção de que a Biologia Vegetal poderia ampliar sua contribuição à formação de pesquisadores. Até então, o curso formava apenas mestres — alunos bem preparados, que seguiam para Programas de Doutorado em outras

instituições, muitas vezes em cursos maiores e mais tradicionais. Sabíamos, porém, do nosso potencial e da qualidade da formação oferecida em Uberlândia. Por isso, trabalhamos de maneira dedicada para que a Biologia Vegetal conquistasse o respaldo da CAPES e pudesse, finalmente, também formar doutores.

A aprovação do doutorado representou um marco não apenas para o Programa, mas também para a consolidação da Botânica na UFU. Participar dessa construção coletiva foi uma das experiências mais significativas da minha atuação como professora associada, pois exigiu articular diferentes perspectivas, reunir evidências da qualidade da formação oferecida e estruturar um projeto acadêmico sólido, capaz de atender às exigências da CAPES.

6. Atuação recente e papel formativo ampliado

Em 2025, fui novamente eleita para a Direção do Instituto de Biologia, assumindo o novo mandato em agosto. Essa retomada da função representa a continuidade de um trabalho construído ao longo dos anos e reafirma a confiança da Unidade na condução de processos administrativos e acadêmicos. O novo mandato tem me permitido aprofundar ações iniciadas anteriormente, fortalecer iniciativas voltadas à organização institucional e aprimorar as condições de trabalho, além de consolidar projetos que articulam ensino, pesquisa e gestão no INBIO.

Desde 2022, passei a integrar o Comitê Institucional que coordena os Programas Institucionais de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq e PIBIC/FAPEMIG) e o Programa de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI/CNPq). Em 2023, passei também a compor o Conselho Editorial da Editora da UFU, ampliando minha contribuição para a disseminação do conhecimento científico na instituição.

Liderar esses processos — da Direção ao APCN e às novas frentes institucionais — significou transformar anos de acúmulo científico e formativo em ações concretas para a consolidação da Botânica na UFU. Considero que esse período foi essencial para meu amadurecimento profissional. Aprendi que a gestão acadêmica exige não apenas organização e firmeza, mas também escuta, sensibilidade e a capacidade de construir coletivamente. Ao mesmo tempo, vi de perto como a dedicação de uma equipe pode transformar um sonho em realidade: o de consolidar a Biologia Vegetal na UFU como espaço de formação de mestres e doutores, contribuindo de forma decisiva para o avanço da Botânica no país.

Além da linha central desenvolvida com Asteraceae, mantenho algumas colaborações pontuais com colegas do Instituto, voltadas principalmente para Poaceae e para temas relacionados à fotossíntese. São iniciativas conduzidas com poucos estudantes, mas que têm ampliado a discussão sobre morfologia comparada, estrutura e função no laboratório. Essas parcerias complementam a perspectiva anatômica que venho construindo ao longo dos anos e reforçam a atuação integrada, capaz de dialogar com diferentes abordagens dentro da Botânica.

Esse período permitiu consolidar uma atuação que articula pesquisa, formação de pessoas e responsabilidade institucional, ampliando o alcance das atividades desenvolvidas no INBIO e fortalecendo a presença da Botânica na UFU.

7. Professora titular – Síntese e projeção

Ao olhar para a trajetória que descrevi até aqui, reconheço um processo contínuo de amadurecimento científico, construído a partir de perguntas que surgiram do próprio material, de diálogos com a comunidade botânica e da insistência em compreender a diversidade estrutural das Asteraceae em diferentes escalas. A anatomia e a morfologia dos frutos e sementes, que inicialmente apareceram como um desafio no doutorado, tornaram-se um eixo de investigação que guiou minha atuação ao longo dos anos, permitindo integrar ontogênese, micromorfologia, desenvolvimento e sistemática em análises comparativas cada vez mais amplas.

Nos primeiros anos na UFU, concentrei esforços em estruturar o ensino prático e em estabelecer uma base sólida para os estudos anatômicos no Instituto. Com o tempo, essa base permitiu que as perguntas se tornassem mais complexas. As investigações passaram a contemplar padrões de desenvolvimento, adaptações estruturais, estratégias de dispersão, relações com o ambiente e, mais recentemente, interpretações alinhadas a hipóteses evolutivas e filogenias moleculares. Essa progressão metodológica e conceitual refletiu não apenas o avanço dos projetos, mas também a evolução coletiva do laboratório, construída em diálogo com estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado.

As orientações acompanharam esse processo. O que inicialmente eram estudos descritivos e exercícios de formação técnica passaram a se transformar em trabalhos comparativos e análises com potencial taxonômico e evolutivo. Em vários momentos, as perguntas dos estudantes abriram caminhos para interpretações que eu mesma ainda não havia considerado, mostrando que a construção conjunta é um dos pilares da pesquisa que desenvolvo. Esse movimento formativo teve impacto direto na consolidação da linha de pesquisa e na ampliação da presença da Botânica do INBIO em diferentes espaços acadêmicos.

A experiência institucional também teve papel central nesse amadurecimento. A direção do INBIO, a coordenação do APCN que criou o doutorado em Biologia Vegetal e a participação em comitês estratégicos da universidade ampliaram minha compreensão sobre como a pesquisa, o ensino e a gestão se entrelaçam na construção de uma área. Esses anos evidenciaram a importância de trabalhar coletivamente, de fortalecer estruturas institucionais e de criar condições duradouras para a formação de novos pesquisadores. A diversidade dessas experiências ampliou minha visão sobre a universidade e fortaleceu a

compreensão de que o avanço científico depende, em igual medida, de ambientes formativos sólidos e de práticas institucionais bem estruturadas.

Ao me preparar para a avaliação para professora titular, percebo que esta etapa não representa um encerramento, mas uma síntese que permite projetar os próximos passos de maneira mais consciente. Pretendo seguir aprofundando estudos comparativos em Asteraceae, ampliando análises que integrem dados anatômicos, micromorfológicos e filogenéticos, além de avançar em questões relacionadas à evolução de frutos secos em diferentes grupos de Angiospermas. No campo institucional, o objetivo permanece o de contribuir para ambientes que favoreçam o desenvolvimento da Botânica e a formação de estudantes com autonomia técnica, rigor científico e capacidade crítica.

A trajetória apresentada não é um ponto final, mas parte de um processo contínuo de construção científica e institucional. O compromisso com a pesquisa, com a formação e com o fortalecimento da Botânica na UFU segue como eixo central da minha atuação, guiando tanto as escolhas acadêmicas quanto as responsabilidades assumidas ao longo dos próximos anos. Entendo essa etapa como uma oportunidade de consolidar o que foi construído e, ao mesmo tempo, abrir espaço para novas perguntas, novos diálogos e novas possibilidades de investigação.